

O estudo da FGV (Redistribuição à Brasileira) mostra que o efeito do Bolsa-Família correspondeu a 2/3 do crescimento da renda dos mais pobres entre 2001 e 2004. Ou seja: O dinheiro do programa se soma à renda do trabalhador e da Previdência.

Em resumo pode-se dizer que as fontes não provenientes do trabalho tiveram um papel dominante do padrão de crescimento dos mais pobres ao mesmo tempo em que tiveram uma contribuição menor para os crescimentos das nossas contas fiscais brasileiras.

Quando se junta, em termos de renda, a do trabalho, da Previdência e outras rendas não sociais, o que se observou entre 2001 e 2004, mesmo quando a renda geral foi negativa, a renda dos pobres cresceu. Dinheiro no bolso dos que mais precisam.

Isso pode não ter relação com eleição. Na verdade, apenas se constata que programas que aplicam verbas diretamente no público-alvo geram aumento de renda. Como no Nordeste a miséria é maior, os números das pesquisas talvez digam um obrigado dos 50% mais pobres.